

Em liturgias da palavra, poesia e filosofia

In liturgies of the word, poetry and philosophy

Arlete Parrilha Sendra*

Busca-se enfatizar, neste trabalho, a presença de traços da poesia no texto filosófico, e traços da filosofia no escrever da poesia, aqui vista sob dois ângulos: os poetas joão de barro, que se marcam pela mimese, e os poetas albatrozes, poetas fundadores de uma nova forma de ver e pensar a poesia.

This work focuses on the presence of traces of poetry in philosophical texts as well as traces of philosophy in the poetry writing, seen here from two angles: the “joao de barro” poets (ovenbird poets), marked by mimesis, and “albatrozes” poets (albatross poets), founders of a new way of seeing and reflect on poetry.

Palavras-chave: Linguagem. Poesia. Filosofia. Fronteiras míticas.

Key words: Word. Language. Poetry. Philosophy. Myths.

Desveladas desde tempos míticos, as palavras guardam surpresas. Às vezes mostram-se duras como pedras que se interpõem nos caminhos. Às vezes, leves - *au clair de la lune* - despertam sentimentos até então adormecidos. Lançadas a esmo, se dispersam. E se perdem entre vertigens existenciais.

Presentificando o que está em ausência, para não ser simplesmente nomeadora, a palavra, em permanente trânsito, exige sua contextualização, quando, então, se metamorfoseia em linguagem e servindo a toda e qualquer ideologia, ora profética, ora sacralizada, ora profana, prostituída, vezes outras a serviço da arte, da ciência, mensageira do *fiat umbra* como o fora do *fiat lux*, ela arranca o escandaloso silêncio que está cifrado dentro do próprio mundo. E fala o mundo. E o mundo nela se fala.

Enquanto véu que vela e desvela o pensamento, a palavra entra na construção do real, tenta mergulhar no espírito, em busca de respostas que dessegregariam a vida e, revelando a intimidade do real e os enigmas do espírito, mostra sua face poética. Outras vezes, se centra na área da cognição, do entendimento, da razão e do real e, acionada pelo *gnoscere*, constroi conceitos que se mobilizam na explicação e elucidação do *modus vivendi* do homem. Verticalizando-se, espelha outros elementos presentes nas inquietudes existenciais. Quando cifrada em silêncio, ela se exige lida pelo retrovisor e se faz senha de acesso ao interior da mente e do espírito humano, onde se ancoram sentimento e razão e a dança do tempo deixa suas marcas.

Presente na linguagem, a palavra apreende o pensamento inserido na consciência histórica e mostra o homem – ser de imaginação e de razão –, liberto de monismos linguísticos, sempre limitadores. E ponte por onde as mudanças revolucionárias

* Pós-doutorado em Semiótica pela Universidade de Salamanca. Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Brasil (1997).

transitam, como transita o amor, quer em sua linha de encantamento quer em sua linha de tormento, a palavra entra na linguagem como o traço entra no desenho, como a cor entra na pintura e como o *logos* se desmascara na psique lacaniana.

Presente na poesia, a linguagem, que rompe com as ortodoxias que acionam o motor do dia a dia, se alimenta da palavra, se insere em frestas do real, abre frestas outras nesse real e cria um universo, paralelamente complementar, num jogo transacional entre o real e o poético que se interfecundam e se hibridizam: real e poético se interacolhem sem que a realidade perca seu viés de real e a poiésis negue a poesia.

E ainda que poesia e filosofia apreendam diferentemente o desconhecido, ambas têm, como metodologia, penetrar em fronteiras míticas, ainda não abertas pelo homem, espaços ainda não decodificados pela razão e cifrados em mistério pela poesia.

Estabelecendo entre si relações transacionais, poesia e filosofia se entrelaçam, partem de uma concepção clássica aliada a valores estéticos e vão ao “encontro de uma transestética, termo de Benedito Nunes, onde se dá o encontro do belo e da busca da verdade”. E enquanto a poesia se volta para a criação verbal, para a fantasia e o imaginário, para as senhas do mito, a filosofia se centra na área do conhecimento, do entendimento, da razão e do real. Desdobrando, temos duas modalidades de discurso: o filosófico, movido pelo cognitivo que vai construir conceitos e o poético que mergulha no espírito em busca de respostas pedidas pelo homem em seu incerto caminhar.

Nenhum poeta cria no vazio. O poeta vai ao mundo e nesse encontro com o mundo por ele percebido, e com as nuances por ele apreendidas, seu poema vai sendo estruturado, dentro de um estatuto muitas vezes controverso e ao dialogarem o poético – subjetividade, assistemática e metafóricidade – e o pensar filosófico, entre as fronteiras individuais do reflexivo, do espírito e da matéria, um novo olhar o mundo é documentado.

E é sempre na escrit-ura, ou seja, na escrita em movimento, que as questões que compõem o ser e o estar do homem são documentadas. E ainda que filosofia – discurso sobre o mundo e o homem – e a poesia – gênero de pensamento que faz a palavra refletir-se no espelho de vivências – detenham diferentes estatutos de linguagem, entendemos que esses estatutos intercambiam sem que haja subversão das diferentes especificidades. Ou seja, há um pensamento filosófico na poesia e há uma poiésis no pensar da filosofia.

Dentro do mesmo terreno, portanto, a filosofia se marca pela linguagem concernente às próprias ciências humanas, enquanto a poesia se marca pela linguagem em sua transgressividade – escritura apaixonada. Assim, a linguagem, ao se traduzir em poesia, constroi em um insumisso dizer, o dizer e errar do pensamento. Dizer composto de sons que se inter cruzam e se contestam, que se inter cruzam e se unificam, vozes que nascem umas de dentro das outras e encadeiam-se, segundo leis interiorizadas. Ao se traduzir em filosofia, a linguagem vai ao encontro das origens primeiras que norteiam as grandes buscas do homem.

Em sua forma de expressão, o *logos* da poesia se mostra insuficiente para

aprender o pensar do homem, quando em busca da transcendência, de seu estar no mundo. O *logos* do pensamento filosófico, ao caminhar pelos múltiplos espaços do conhecimento, buscando penetrar em suas íntimas conexões, se mostra insuficiente em sua linguagem. A filosofia, então, entra no território da poesia e se apropria da rebeldia de seu outro ver e dizer. Paralelamente, a poesia entra no universo da filosofia e traz para ela, poesia, um mundo novo de conhecimento. Assim, intercambiando, há um legislar da filosofia na poesia; há um traço criador na filosofia, traço que rompe o abismo do nada. Assim, ao se assumirem na completude, poesia e filosofia vão em busca do homem além do homem, antes do ser. Além do princípio, ali onde do nada nasceram todos os possíveis.

Se tomarmos o mito da caverna como momento inaugural da filosofia, veremos que a filosofia nasce do pasmo e da violência. O pasmo desperta emoção, sentimentos de estupefação, de encantamento. A violência é desencadeada pelas tensões que nascem da desacomodação, que se desdobra em aterradora inquietude, que provoca a busca da verdade sempre fugidia.

Esses dois caminhos – do pasmo e da violência – requerem diferentes formas de linguagens e em tessitura dialógica, olhares, gestos, afetos, vozes, sensações e sentimentos se insinuam no texto poético, obrigando a linguagem ora a resgatar o passado – memórias e lembranças –, ora indiciar o futuro – em possíveis por vir –, ora presentificar o aqui e agora: propriedades estruturais, vínculos e unificações. Muitas vezes, entre esgarçamentos sutis, a linguagem assume dialetos e busca aprofundar-se sobre supostas verdades ainda não descobertas. Ou faz refletir nela corpos que saem de dentro de corpos, o corpo que pulsa, sente, apreende e registra. Corpo que opera representações, corpo-soma, onde se fazem presentes todos os aspectos cognitivos e afetivos.

Ao voltar-se sobre si mesma, ao documentar-se episteme, memória, imaginário, a linguagem da arte se entulha de filosofia; como, muitas vezes, a linguagem da filosofia vem das forjas da poesia. É esse ir e vir que nos remete ao labirinto de Ariadne, a noites nihilistas, a manhãs aurorais onde as respostas para as enigmáticas entranhas da vida são procuradas. Mas a saída nem sempre é encontrada.

Instrumento do diálogo entre o mundo e a alma, registrando do mundo o jogo, e o fazer, o ver e o pensar, a vivência pessoal e histórica, a linguagem faz com que poesia e filosofia se encontrem entre realidades e a poesia venha a ser o pensamento supremo para captar a realidade íntima de cada coisa, a realidade fluente, movediça, a radical heterogeneidade do ser, a reintegradora substância do mundo.

Uma unidade marca tudo o que o homem cria pela palavra. A poesia, – expressão e criação – nasce da linguagem e todo nascimento é desdobramento em separação. O filósofo quer possuir a palavra – *faça-se em mim a palavra* – e com a palavra feita nele, acredita trazer consigo o ser, a verdade e a razão.

Poetas e filósofos em zonas de arrebentação da linguagem

Submersos no universo da linguagem que os usa para comunicar estranhezas encontradas e a serem encontradas em seu mundo, poetas e filósofos tomam as palavras que estão dentro da linguagem e com elas nomeiam as coisas, falam de todos os possíveis que estão dentro do nada e buscam encontrar a essência do existir na face oculta do não ser – querem encontrar o ser que nela se guarda. E usando a palavra como passaporte, entram no avesso das coisas, apreendem a poesia e a filosofia que estão além do minuto que passa, estão no lamento de Orfeu, no fio da faca depois do corte, além da razão da morte. Pela poesia e na poesia, pela filosofia e na filosofia escorrem o ser, a verdade, a razão. Escorre a memória da vida.

De consumo imediato, o *logos* da poiésis é devorado, é consumido. *Logos* do encontro vai a todos que dele necessitam. A serviço da inquietude do homem, a poesia rompe com as sombras das platônicas paredes cavernárias, cria luzes sobre elas e faz que, pela luz, o espetáculo das sombras seja decodificado.

Guardando a memória de nossas inquietações, poetas e filósofos se encharcam com as palavras e, invertendo sua posição, de possuídos se tornam possuidores e fazem a palavra refém.

Recusando moldes asfixiantes, em exercício espontâneo e seguro de liberdade, o poeta toma a vida e com paletas verbais a devolve transfigurada em espírito. Sua palavra se faz plena: é arte. É pensamento, sensibilidade e vontade. Repetindo Goethe, diremos: “Palavras! Não vê que não restou uma sequer?”.

A consciência da complexidade que envolve tudo que o circunda faz o poeta ir ao encontro da metafísica, penetrar na alquimia de sua forma, tentar apreendê-la, desvelá-la. Quer entrar na intimidade das coisas, rasgar as entranhas do mundo, não para submetê-lo, mas para encontrar seu segredo, decifrar seu enigma. Mas o mistério que gravita em torno das coisas lhe impõe fronteiras, mostra os limites que lhe são impostos e o faz recuar como águas marinhas recuam, como se espumas fossem, e retorna em sua ânsia de desvelar o segredo do maquinismo que move o homem em sua busca de homicidade. Frustrado, o poeta vê que também à poesia é vedado o mistério do increado.

Dois caminhos, entre muitos, são interpostos no desdobrar da linguagem poética: o amplo caminho da imitação, em pequenas variáveis entre épocas, segundo rastros e vestígios que vêm brincar com o poeta, oferecendo-lhe combinações vãs, sem surpresas e sem espantos – trilhas do *déjà vu* – e os caminhos ainda virgens, nos quais as incertezas se interpõem e ânsia e desejos – em uma infinidade de combinações – incitam o poeta a penetrar em territórios metafísicos, apesar da impureza de sua linguagem.

No caminho primeiro, a poesia é vista como um sistema de equivalências de significações, de conceitos já conhecidos e não há o arriscar-se. Poetizando com significações já gastas, enfraquecidas, com falas prontas, consagradas pelo tempo e

marcadas por irreflexivas filosofias eternitárias, esses poetas nos remetem ao João-de-Barro, pássaro mimetês que, secularmente, constroi sua casa dentro do molde primeiro, dentro de um modelo engessado, em função da segurança, e em submissão aos cânones determinados pelos caminhos já abertos por uma linguagem-guia que determina como executar o cantar, sua musicalidade, ritmo, melodias, ou seja, determina os caminhos pelos quais a plasticidade do cantar, da nostalgia de encontrar o corpo da vida é conhecido. E cabe, compulsoriamente, ao poeta inserir seu corpo nesse corpo.

Fiel ao já pensado e já dito, o poeta João de Barro copia ideias já em trânsito, copia essências, ainda que não as vivencie, e seu poema passa a ser cópia da cópia, se pensarmos platonicamente. E preso às sensações do *bios*, à dor do *bios*, a linguagem João de Barro se move, circularmente, sem avanços.

Vendo na linguagem sua condição de espelho, vulnerável, apenas, às vibrações do próprio tempo, não capaz de refletir, a poesia João de Barro traz o estigma da sombra, luz como mancha.

O segundo caminho rompe com as trilhas já abertas e nos remete a espaços albatrozes, pássaros das distâncias, companheiros silenciosos dos navegantes pelos grandes mares, companheiros que emprestam aos viajeiros solitários a utopia da liberdade pelos diferentes humores das águas. Descortinadores de cenários, em espaços ainda virginalizados, os albatrozes vão além do lá e na embriaguez dos espaços, como se em oração, os albatrozes dizem um outro dizer ao dizer o mundo visto no além da distância.

Em sintaxe subjetiva, que nasce de uma inquietude contemplativa, uma nova semântica dialoga com signos desses novos cenários ainda não visitados, e ao revelar esses universos e os diálogos que nascem nesses encontros, o poeta revela esses universos e ao revelar esses universos, neles deixa suas marcas, nele ou neles deixa grafitada sua mais íntima confidência.

Ao evadir-se do aqui e agora, ao recusar as formas já consagradas, o poeta albatroz entra em zonas de arrebentação da linguagem e sem cânones e teorias já estabelecidas pensa o pensar - aqui acontece o encontro da poesia e da filosofia: a filosofia enquanto palavra criadora e ordenadora quer encontrar o além do homem, o além da natureza, o além do ser e do nada. Nietzscheanamente falando, “a linguagem precede a verdade e (que) é anterior ao pensamento”.

Embasada na estética da arte, em inquieto dizer, a poesia se apropria da força da palavra e com esta força articula um novo paradigma linguístico capaz de liberar a filosofia das redes de uma linguagem que por sua instrumentalização social e convencional perdeu seu valor criativo. E voltando a nos apoiar em Nietzsche, repetimos: “... o filósofo conhece a linguagem da natureza e diz: necessitamos da arte”. Entendemos que a relação entre linguagem e realidade, homem e mundo, sujeito e objeto é estética, ou seja, o homem vive dentro do universo da arte”, que é cooptado pela natureza da linguagem. Entretanto, viver dentro do universo da arte não quer

significar viver dentro de uma utopia, ao contrário, é viver dentro de um estado no qual se produz a arte; assim como viver dentro do universo da filosofia nos remete a viver pensamentos da “espécie que produz pensamentos”, expressão usada por Nietzsche em *Humano demasiado humano*.

A linguagem filosófica quer finalizar, realizar. E o filósofo é o meio, e sua palavra se quer revelação. A linguagem da poesia se quer tradutora dos sonhos e de fantasmas que habitam o universo interior do homem. E enquanto a filosofia entra no universo das coisas, conquista o conhecimento, o poeta entra no labirinto do tempo e nele quer buscar a beleza que há na morte, no amor, na vida. Ou seja, o filósofo busca o ser oculto sob as aparências; o poeta se deixa envolver pelas aparências e nelas fica preso.

A palavra da filosofia traça roteiros, quer alcançar o momento “ur” do qual nascem os caminhos. A palavra da poesia quer apreender o sonho virginal do homem. As duas palavras têm sua raiz e sua razão: enquanto a primeira quer mostrar o que ocorreu e ocorre ao homem, a segunda, a palavra do poeta, se quer mediação, se quer eco da vida que ata, desata e cria. Ambas as palavras querem regressar à gênese que lhes gestou a existência. Ambas as palavras se querem tradutoras das razões que a razão desconhece. Ambos os pensares -filosófico e poético - trazem diferentes elaborações de pensamentos, sempre em movimentos, roteiros de uma procura e de uma intervenção interpretativa dos indecifráveis silêncios das indecifráveis ontologias que guardam do mundo seu mistério.

Referências

- CUESTA ABAD, José M. *La escritura del instante*. Madrid: Akal, 2001.
- GADAMER, Hans-Georg. *Estética y hermenêutica*. Madrid: Tecnos, 2006.
- GADAMER, Hans-Georg. *Poema y diálogo*. Barcelona, Gedisa Editorial, 1990.
- HACKING, Ian. *Por que a linguagem interessa à filosofia?* São Paulo: UNESP; Cambridge, 1999.
- JAKOBSON, Roman. Seleção, prefácio e organização de João Alexandre Barbosa. *Poética em ação*. São Paulo: USP, 1990.
- MAUTNER, Federico. *Crítica del lenguaje*. Madrid: Daniel Jorro editor, 1911
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NUNES, Benedito. *Ensaios filosóficos*. Org. de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2010.
- SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- VALÉRY, Paul. *Degas Dança Desenho*. São Paulo: Cosak & Naify, 2003.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. Organização de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Iluminuras, 2007.

ZAMBRANO, M. *La razón en la sombra*. Antologia crítica. Madrid: Biblioteca de Ensayo Siruela, 2003.

ZAMBRANO, M. *Filosofia y poesia*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1987.

Artigo recebido em: 14 ago. 2012

Aceito para publicação em: 30 ago. 2012